

EDIFÍCIO CHRISTIANO STOCKLER DAS NEVES – FAU-MACKENZIE¹

Submetido em: 28/10/2024

Aceito em: 27/02/2025

Publicado em: 06/07/2025

CHRISTIANO STOCKLER DAS NEVES BUILDING – FAU-MACKENZIE

EDIFICIO CHRISTIANO STOCKLER DAS NEVES – FAU-MACKENZIE

MARCOS JOSÉ CARRILHO

Professor Doutor; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, marcos.carrilho@gmail.com.

RESUMO

Após um breve retrospecto do ensino de arquitetura na Universidade Presbiteriana Mackenzie, tendo como referência a documentação histórica sobre as edificações que o abrigaram, o texto se concentra no projeto do Edifício Christiano Stockler das Neves, sede da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Ainda por meio de fontes documentais, descreve o projeto e suas características, para então discutir as contingências de sua realização e seus atributos de valor. Reconhecidas suas principais qualidades, o texto prossegue enumerando as transformações recentes, e seu impacto em relação a sua capacidade de se adaptar, conservar e preservar suas qualidades principais.

PALAVRAS-CHAVE:

Fontes documentais; escola de arquitetura; transformar e conservar.

ABSTRACT

After a brief retrospective of the teaching of architecture at Universidade Presbiteriana Mackenzie, with reference to the historical documentation on the buildings that housed it, the text focuses on the project of the Christiano Stockler das Neves Building, the college's headquarters. Still using documentary sources, it describes the project and its characteristics, and then discusses the contingencies of its implementation and its value attributes. Having recognized its main qualities, the text continues by enumerating recent transformations, and their impact in relation to the ability to adapt, conserve and preserve its main qualities.

KEYWORDS:

Documentary sources, school of architecture, change and conservation.

RESUMEN

Después de una breve retrospectiva de la enseñanza de la arquitectura en la Universidade Presbiteriana Mackenzie, con referencia a la documentación histórica sobre los edificios que la albergaron, el texto se centra en el proyecto del Edifício Christiano Stockler das Neves, sede de la Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Utilizando aún fuentes documentales, describe el proyecto y sus características, para luego discutir las contingencias de su implementación y

sus atributos de valor. Reconocidas sus principales cualidades, el texto continúa enumerando las transformaciones recientes, y su impacto en relación con la capacidad de adaptarse conservar y preservar sus principales cualidades.

PALABRAS CLAVES:

Fuentes documentales, escuela de arquitectura, transformar y conservar.

INTRODUÇÃO

O estudo do edifício sede da Faculdade de Arquitetura foi realizado a partir do levantamento de fontes primárias relativas às edificações que compõem o campus do Mackenzie College. Estas fontes são constituídas pela documentação do acervo do Centro Histórico e Cultural do Mackenzie - CHCM, complementadas por levantamentos de projetos do Arquivo Histórico Municipal e do arquivo corrente, submetidos à aprovação da Prefeitura de São Paulo.

O acervo do CHCM é composto por documentos escritos que remontam às origens da Escola de Engenharia, em 1896, e à introdução do ensino de Arquitetura, em 1917, entre os quais se destacam os relatórios anuais dirigidos ao conselho supervisor do Mackenzie College, o *Board of Trustees*, sediado em Nova York. Estes relatórios eram ilustrados com fontes iconográficas demonstrativas das realizações de cada período, constituídas de registros fotográficos e, algumas vezes, de desenhos. Sua descrição permitiu situar cronologicamente o desenvolvimento das atividades educacionais, suas demandas, as dificuldades e limitações de recursos, bem como as edificações construídas para abrigá-las. As pesquisas nos arquivos da municipalidade, por sua vez, proporcionaram acesso aos projetos de edificações da instituição submetidos a sua aprovação.

O repertório de informações deste conjunto de documentos foi organizado, descrito e confrontado com o acervo edificado e com o produto recente de fontes secundárias, dedicadas ao estudo da trajetória do ensino de arquitetura no Mackenzie. Finalmente, o recurso a fontes orais contemporâneas permitiu verificar lacunas de informação e atualizar ações mais recentes de reformas e alterações ocorridas na edificação.

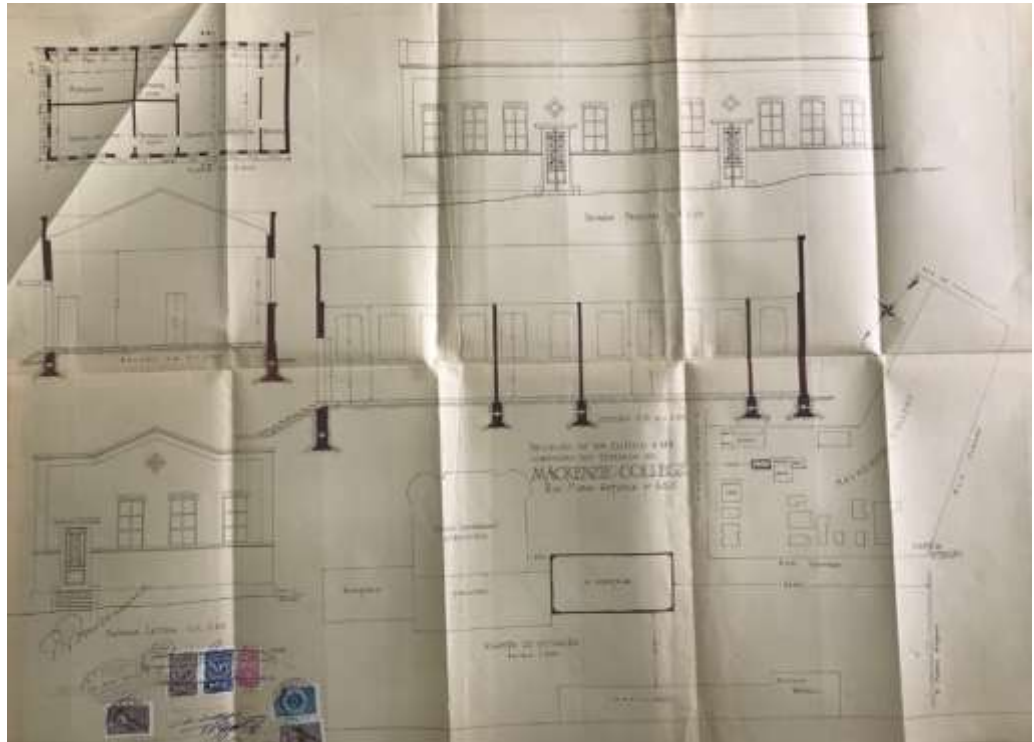
CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O ensino de arquitetura em São Paulo, no âmbito do Mackenzie College, teve origem na proposição de Christiano Stockler das Neves, em 1917, como complementação da formação de engenheiros na Escola de Engenharia.² Antes dessa iniciativa, houve um curso de introdução à arquitetura, na mesma escola, ministrado pelo arquiteto George Krug. Em 1915, com a morte do geólogo Orville Derby, Krug assumiria o papel de inspetor do *Mackenzie College* junto ao *Board of Trustees*, afastando-se, por conseguinte, das atividades da Escola de Engenharia, vindo a se tornar professor da Escola Politécnica de São Paulo.³

Aceita a proposta de Stockler das Neves, o ano suplementar para a formação de arquitetos teve início em um dos edifícios da assim chamada *Boarding House* – internato dos estudantes da Escola Americana – o pavilhão Couto de Magalhães. Uma pequena sala do sobrado de uma das extremidades deste edifício recebeu os primeiros seis alunos interessados no título de engenheiro-arquiteto. Estas instalações persistiram por longo período, cerca de vinte anos, quando uma nova edificação foi realizada, em 1936, com projeto do Eng. Adhemar Queiroz Moraes, para abrigar “aulas de desenho e arquitetura”. O pequeno pavilhão era constituído de salas de desenho à mão livre, modelagem, arquitetura, além de outras pequenas salas destinadas aos

professores. Este edifício ainda subsiste no Campus, embora alterado em seu interior.

Figura 1: Projeto de edifício para “aulas de desenho e arquitetura”, Eng. Adhemar Queirós Moraes, 1936.



Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo, Processo nº 99.602/1936.

Mais adiante, em 1947, o ensino de arquitetura alcançou autonomia em relação à Escola de Engenharia⁴ tendo sido criada a Faculdade de Arquitetura. Foram então iniciadas gestões visando a realização de uma nova sede, conforme assinala o relatório da instituição neste ano.

[...] necessário se torna que tenhamos salas mais espaçosas, melhores iluminações, instalações hidráulicas, biblioteca especializada, local para instalação da diretoria e secretaria, facilidades que permitirão comodidades ao corpo docente e aos alunos. (Instituto Mackenzie S. Paulo – Brasil, 1947, p. 105).

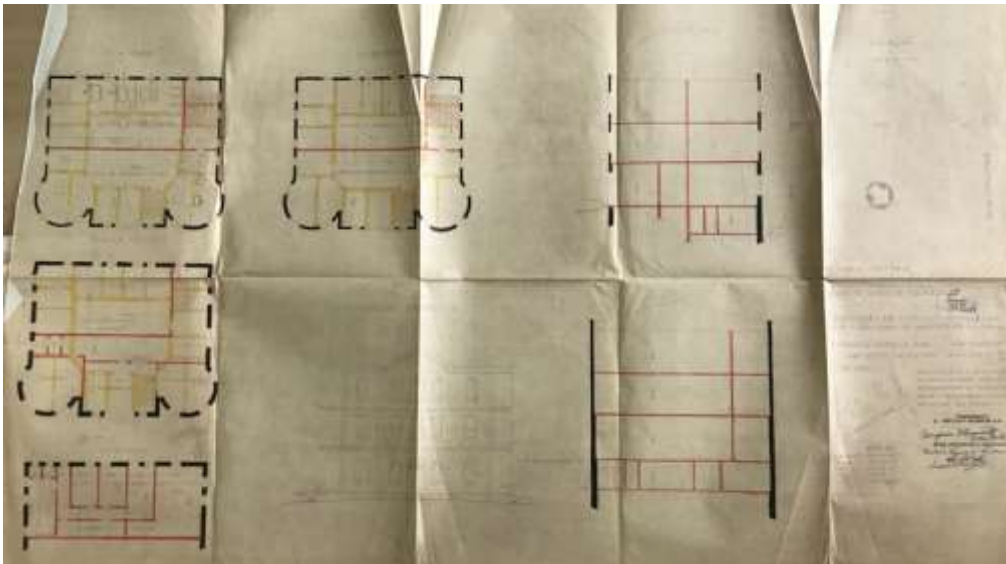
Mas isso não aconteceria de imediato e as atividades prosseguiram em instalações provisórias, que incluíam o uso da Chácara Lane⁵, então cedida ao Mackenzie pelo governador Adhemar de Barros. Em 1947, ingressaram 32 alunos que, somados aos demais, totalizavam 60 estudantes no novo curso.⁶ Este aumento de vagas implicaria, progressivamente, na necessidade de instalações capazes de abrigar adequadamente o crescente número de alunos.

Em 1948, o diretor voltava a assinalar a necessidade de novas instalações.

O número de candidatos inscritos em 1948 foi de 109, sendo matriculados 26, ou seja, 14,6%. A falta de espaço não permite aumentar o número de vagas na primeira série, mas esperamos que a reforma que se está operando no edifício Chamberlain, para a instalação da Faculdade de Arquitetura, nos habilitará a aumentar as vagas em 1950, talvez para 50. (Relatório do Diretor, p. 94).

No início do ano de 1950, com a conclusão das obras de adaptação do Edifício Chamberlain, a Faculdade de Arquitetura passou a ocupar formalmente as novas instalações. O evento de abertura contou com a presença do Ministro da Educação, Clemente Mariani.⁷

Figura 2: Projeto de Adaptação do Edifício Chamberlain para a Faculdade de Arquitetura.



Fonte: Escritório Técnico de Construções B. Picciotti, 1949 - PMSP Processo nº 40.989/1949.

Desfrutando de sua nova sede, a Faculdade de Arquitetura prosseguiu suas atividades com grande vitalidade. O ano de 1951 registra a realização da I Bienal de Arte de São Paulo, evento que não passaria despercebido por seu diretor. Em seu relatório, Christiano Stockler das Neves fez, entre outros, o seguinte comentário:

Bem sabe esta Faculdade que em outros estabelecimentos congêneres do país tem sido a "arte moderna" praticada em larga escala pelos estudantes, na maioria dos temas que lhe são oferecidos.

Todavia, apesar das restrições feitas por esta Faculdade a essa falsa arte, aconteceu que três dos nossos ex-alunos, em competição com os de outras escolas em que não há tais restrições, conseguiram o 1º Prêmio da Bienal de Arte

Moderna. (Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie, 1952, p. 2)

O ensino de arquitetura do *Mackenzie College* vinha prosperando continuamente, pois em curto espaço de tempo foram iniciadas novas tratativas para a construção de um novo edifício para a Faculdade de Arquitetura. O relatório de 1955, assinalava:

A procura de lugares na Escola de Engenharia e Faculdade de Arquitetura é cada ano maior. (...) Para a Faculdade de Arquitetura inscreveram-se 310 candidatos em dois concursos. Havia 60 vagas, mas só 43 (13,87%) conseguiram vencer nos exames. (Relatório do Reitor da Universidade Mackenzie, 1955, p. 11.)

O crescimento prosseguia e o curso de arquitetura alcançou o número de 271 estudantes em 1955. Uma passagem do Relatório do Reitor da Universidade revela circunstâncias provisórias para acolher novos contingentes de alunos:

A Faculdade ocupou em 1955, no Edifício Lane, sede da Faculdade de Direito, duas salas de desenho e uma teórica. (1955, p. 4.)

O mesmo relatório mencionava, ainda, as dificuldades em relação à obtenção de fundos:

Não foi possível dar início em 1955 à construção do novo prédio para Arquitetura, em virtude do atraso no pagamento das subvenções federais. (1955, p. 4).

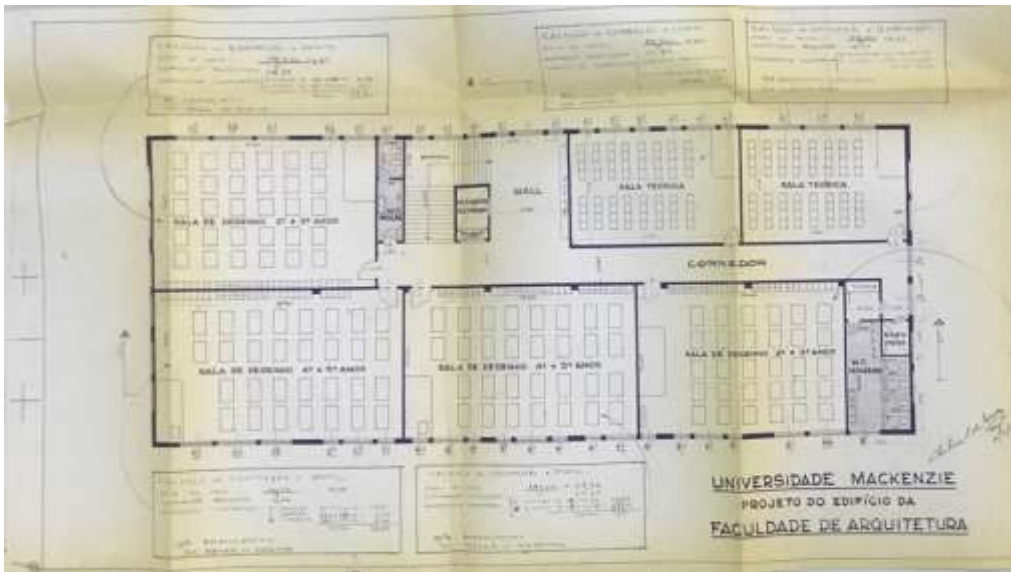
O PROJETO DE CHRISTIANO STOCKLER DAS NEVES

Finalmente, em outubro de 1956 foram realizados os primeiros desenhos para um novo edifício da Faculdade de Arquitetura. O então reitor da Universidade Mackenzie, Prof. Henrique Pegado, teria pedido, segundo relato de Christiano Stockler das Neves, "as providências necessárias à preparação de projeto para o novo edifício" da faculdade. A ele, na condição de diretor, "seu fundador e professor, cabia estabelecer as diretrizes para tal fim e, mesmo, elaborar o plano."⁸

O projeto de Christiano Stockler das Neves, em linhas gerais, foi definido por um volume de desenvolvimento linear de cerca de 20 x 50 metros, com um piso semienterrado, térreo e três pavimentos, a ser realizado com estrutura de concreto armado. O pavimento semienterrado era destinado à sede do diretório acadêmico, mostruário de materiais, depósito geral, arquivo da secretaria e dependências subsidiárias. O primeiro pavimento foi organizado a partir de uma circulação central, de um lado com salas da secretaria, congregação, professores e diretoria e, de outro, ateliê de desenho e sala de

aula teórica do 1º ano. A circulação vertical compreendia uma grande escada contígua ao acesso principal, complementada por duas prumadas de elevadores nas extremidades, uma destinada aos alunos, outra aos professores. No pavimento superior se distribuíam os ateliês do 2º, 3º, 4º e 5º anos e respectivas aulas teóricas dispostas ao longo do corredor central. No 3º pavimento encontrava-se a biblioteca, a sala de desenho "Teodoro Braga", a "Exposição e Julgamento – sala William A. Waddell" e a Oficina de Modelagem.

Figura 3: Projeto do Edifício da Faculdade de Arquitetura – Planta do 2º e 3º andares, Christiano Stockler das Neves, 1956.



Fonte: Acervo da Biblioteca FAUUSP.

A concepção do projeto se manifesta mais claramente pela elevação principal, cuja face voltada para a praça central do campus demonstra as características formais do edifício.

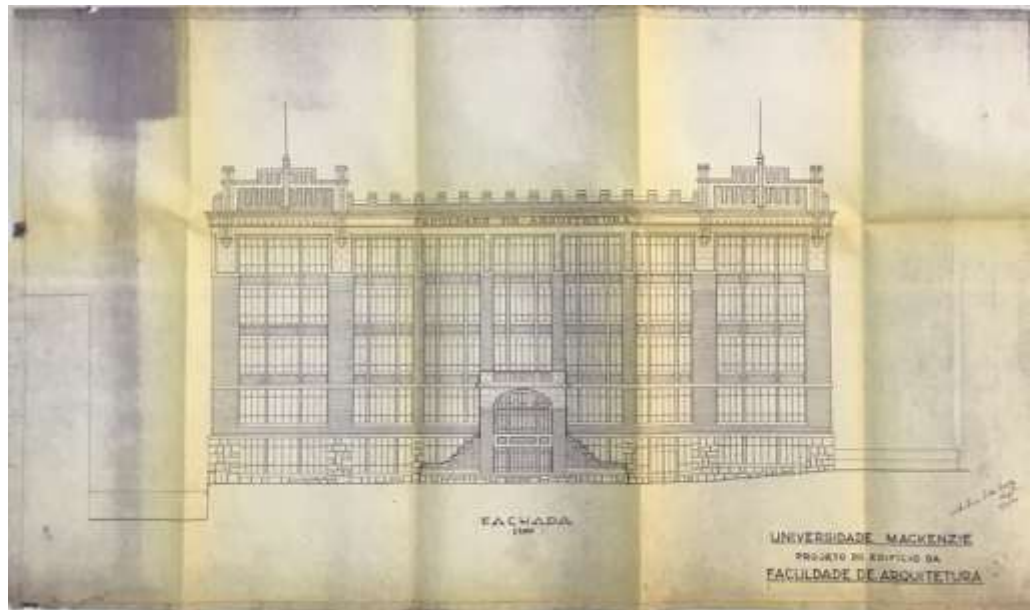
O plano retangular da fachada é tripartido, composto por base, revestida de pedras, no centro da qual se destaca a escada de duplo lance dando acesso ao vestíbulo de ingresso ao hall central. Os pavimentos, do 1º ao 4º, são divididos por estreitas prumadas de alvenaria, arrematadas por uma grande cornija. Nesta, comparece a ornamentação característica das edificações originais do Mackenzie, com uma longa cimalha, platibandas sobrelevadas com torretas nas extremidades e ameias no segmento central.

Embora o conjunto apresente elementos de inspiração historicista, o edifício contempla atualizações à linguagem contemporânea, por meio de uma associação entre o repertório acadêmico e componentes modernos, seja sob o aspecto construtivo, seja pela presença de aberturas, com amplas superfícies envidraçadas.

Contudo, a proposta de projeto não prosperou, possivelmente por ter coincidido com a sucessão de Christiano Stockler das Neves na direção da

faculdade.⁹ As correspondências do período revelam uma série de desencontros relativos às campanhas de obtenção de fundos e sua destinação.

Figura 4: Projeto do Edifício da Faculdade de Arquitetura – Fachada, Christiano Stockler das Neves, 1956.



Fonte: Acervo da Biblioteca FAUUSP.

O PROJETO MODERNO

Mas, a pressão contínua pela expansão das instalações da Faculdade de Arquitetura persistiu no período, da mesma maneira em que prosseguia a permanente dificuldade de obtenção de recursos para a construção de novas edificações.

Continuamos nas mesmas condições de 1955, em relação a construção dos prédios para a Universidade [...], pois das subvenções relativas a 1953 e 1954, apenas recebemos a de 1953 concedida à Escola de Engenharia, faltando, pois, a de 1954 para esta última e as de 1953, 1954 para a Faculdade de Arquitetura, e ainda a de 1956 também para esta Faculdade. (Relatório apresentado pelo Reitor da Universidade Mackenzie aos Conselhos Universitário e Deliberativo, 1956, p. 4.)

Apenas no final da década de 1950 o assunto seria retomado:

Espera-se iniciar a construção de mais um prédio importante nos meados de 1959, destinado à Faculdade de Arquitetura. A Direção dessa Faculdade ficou incumbida, juntamente com um grupo de professores, de preparar o anteprojeto da referida obra. (Relatórios dos Cursos e Departamentos 1958, p. 3.)

De fato, no último mês de 1959, foi encaminhada à municipalidade a solicitação de aprovação do novo edifício para a Faculdade de Arquitetura.¹⁰ O projeto foi elaborado por uma equipe formada por A. Franz Heep, Eduardo Corona, Philipp Lohbauer, Gustavo R. Caron, Jun Okamoto e Takeshi Suzuki e, como engenheiro responsável, Santo Luiz Lavitola.

A esta altura, mudanças havidas no quadro de professores haviam alterado significativamente a orientação do ensino de arquitetura. A. Franz Heep, por exemplo, fora contratado em 1958, “para impulsionar de vez a adoção da Arquitetura Moderna” (Alvim, Abascal e Abrunhosa, 2017, p. 99). Mas, ao mesmo tempo em que havia sido assimilada considerável renovação da orientação didática, persistia a característica dominante do ensino da FAU-Mackenzie:

O grupo de disciplinas mais valorizado e enfatizado em todas as etapas do curso, a partir do segundo ano, era o de Composição de Arquitetura desde 1917 até a consolidação do Moderno; tão importante que, em 1958, foi definido como o tronco do Curso de Arquitetura. Passava a ser fundamental a percepção do espaço, a compreensão sobre o espaço. (Alvim, Abascal e Abrunhosa, 2017, p. 103).

O projeto então elaborado para o novo edifício da faculdade reflete, em muitos de seus aspectos, a condição simultânea de renovação e continuidade de uma tradição de ensino. A concepção do novo edifício retomaria a configuração volumétrica da versão de Christiano Stockler das Neves, reelaborando-a, porém, em vários de seus aspectos. Vale a pena descrevê-los, pois, além de expor sua organização interna, tais aspectos respondem a um programa pedagógico.

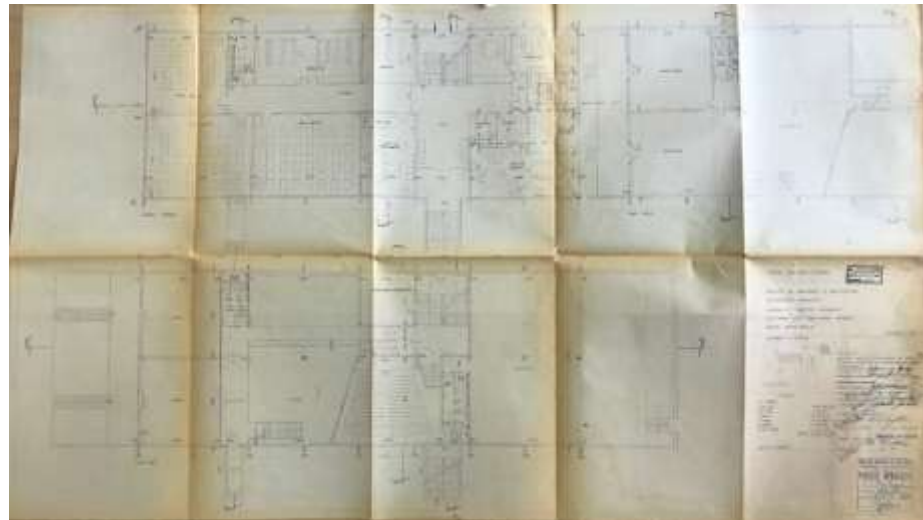
Em termos gerais, o projeto é composto de um pavimento semienterrado, o andar térreo onde se distribuem ateliês, dirigidos aos ingressantes, mas também à administração e os dois pavimentos superiores, dedicados às atividades de ensino.

O subsolo compreende áreas destinadas à modelagem e maquetes, acrescidas do Diretório Acadêmico – DAFAM – incorporado no interior do edifício, e, em seguida o auditório, tendo, no lado oposto, a Associação dos Antigos Alunos do Mackenzie – A.A.A.M. A metade inicial deste conjunto é composta de ambientes de pé-direito duplo, interligados, nos níveis intermediários, por uma passarela de acesso ao auditório e às dependências do DAFAM.

O ingresso ao edifício é feito pelo andar térreo, deslocado do centro, porém alinhado ao acesso do edifício J. Th. Mackenzie, a primeira edificação

educacional do campus. Uma larga escada conduz ao vestíbulo de recepção, ao fundo do qual outra escada dá continuidade à circulação vertical. De um lado a diretoria e secretaria e, de outro, a biblioteca, sala de aula teórica, duas salas de aulas práticas e sala de professores. Os dois pavimentos superiores têm toda a face norte ocupada por ateliês e, no lado oposto, duas salas de aulas teóricas nas extremidades, o corredor de distribuição e dois grandes salões dedicados à exposição de materiais, museu de arte comparada em um pavimento e desenho artístico no andar superior.

Figura 5: Anteprojeto da Faculdade de Arquitetura, Planta do Subsolo e Térreo, A. Franz Heep e outros, 1959.

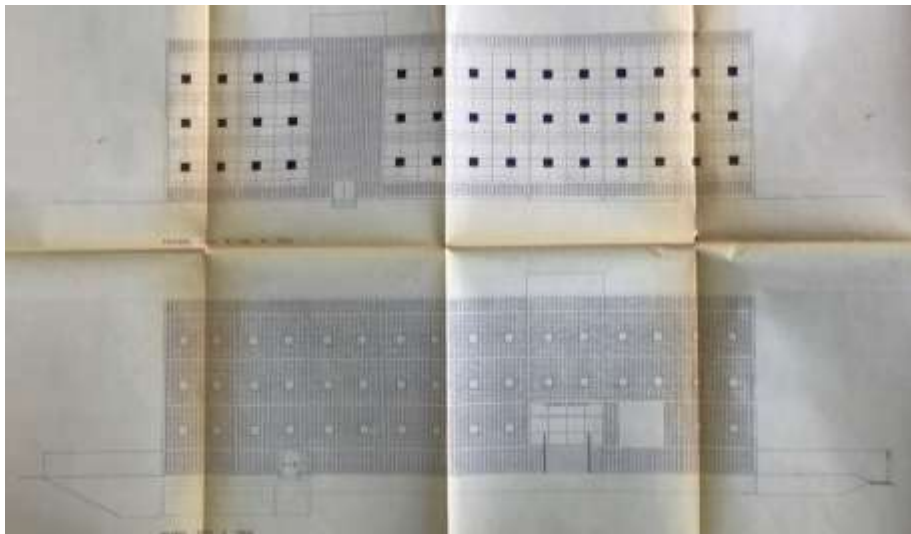


Fonte: PMSP Processo nº 169.299/59.

A perfeita ordem, a clareza e a racionalidade da organização dividem interesse com a riqueza espacial do embasamento de pé-direito duplo, percorrido por circulação elevada no nível intermediário, permitindo desfrutar de vistas do Diretório Acadêmico e dos ambientes destinados às oficinas de modelagem e maquetes.

Além da organização interna, a concepção arquitetônica se manifesta também na configuração volumétrica do edifício. As elevações apresentam um delicado tratamento de cada uma de suas partes. A textura de elementos vazados recobre toda a face norte, perfurada por pequenas aberturas, rigorosamente ordenadas. A face sul, por sua vez, inteiramente envidraçada, repete a marcação de aberturas em correspondência às da face oposta.

Figura 6: Anteprojeto da Faculdade de Arquitetura, Elevações, A. Franz Heep e outros, 1959.

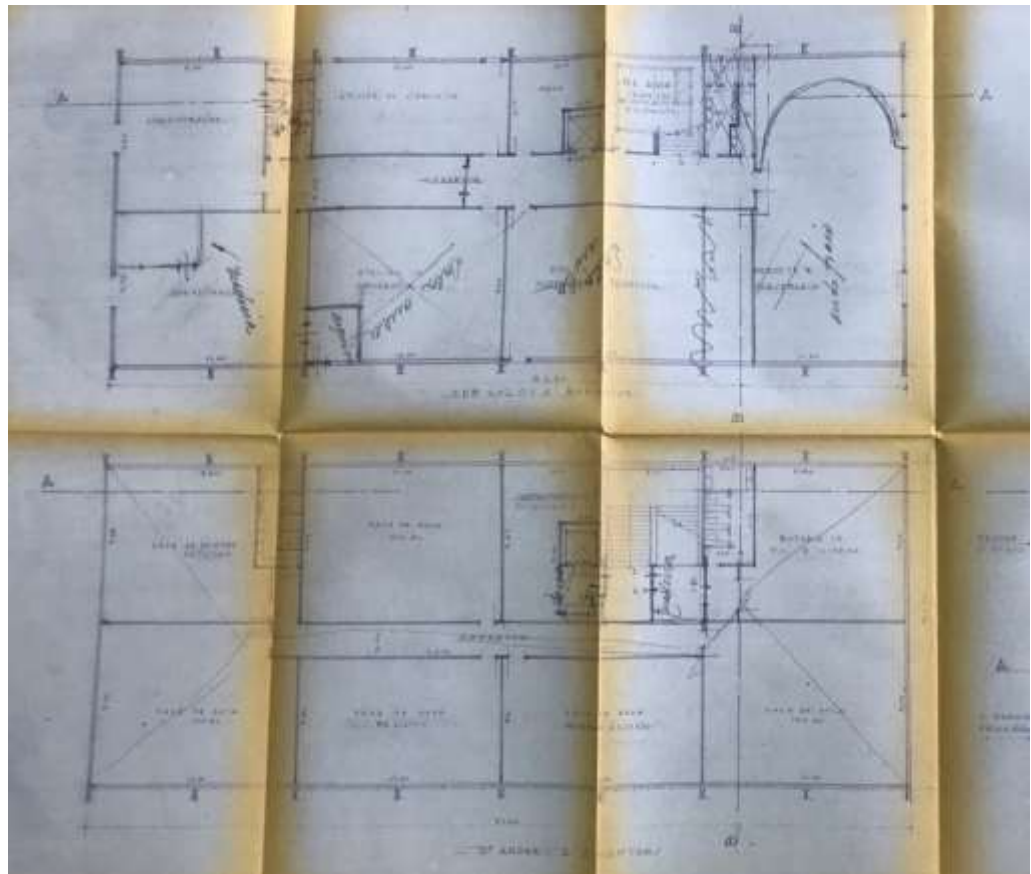


Fonte: PMSP Processo nº 169.299/59.

Esta grande superfície transparente está limitada, contudo, às linhas de platibanda e embasamento, preenchidas por elementos vazados, da mesma forma que o módulo correspondente à circulação vertical. Não é um tratamento genérico ou fortuito, mas uma cuidadosa composição abstrata, elaborada com grande atenção à unidade e às proporções das partes.

Este projeto, porém, não foi realizado como inicialmente projetado. Uma segunda versão, desenvolvida por Takeshi Suzuki, no ano de 1977, reformulou o subsolo, tendo sido eliminado o pé-direito duplo e deslocado o auditório para a extremidade oeste. A forma do auditório, por sua vez, perdeu a disposição trapezoidal, acomodando-se à feição convencional das demais salas do volume principal. Finalmente, foi acrescentado o terceiro pavimento.

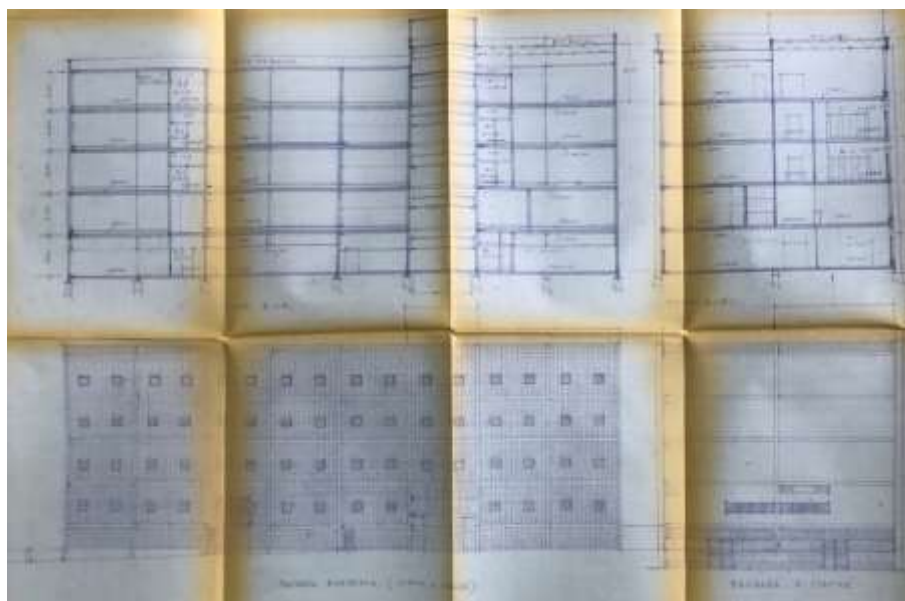
Figura 7: Planta do subsolo e do 3º pavimento do edifício da FAU- Mackenzie, projeto modificativo, autor: Takeshi Suzuki, 1977.



Fonte: PMSP Processo nº 26559/77.

Esta nova alternativa certamente trouxe benefícios sob o aspecto pragmático. Mas, embora tenham sido mantidas as características gerais do primeiro projeto, foram alteradas as proporções do volume, tendo havido perdas na configuração espacial e na articulação de percursos das dependências inicialmente propostas.

Figura 8: Cortes e elevação do edifício da FAU- Mackenzie, projeto modificativo, autor: Takeshi Suzuki, 1977.



Fonte: PMSP Processo nº 26559/77.

Em 1961, “foi inaugurada a primeira parte construída do novo edifício para a Faculdade” (Alvim, Abascal e Abrunhosa, 2017, 96). A fotografia anual de alunos oferece uma vista parcial da obra então realizada.

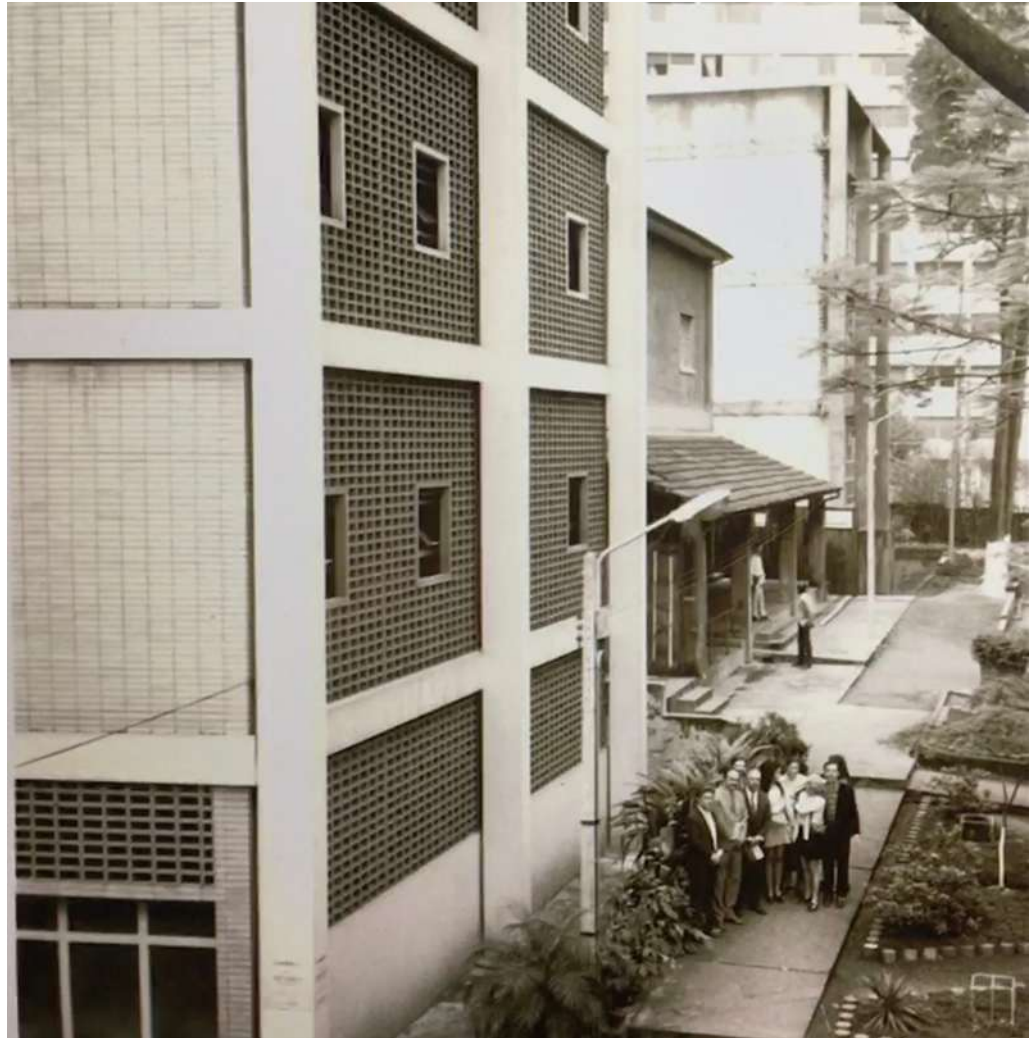
Figura 9: Foto do Edifício da Faculdade de Arquitetura.



Fonte: Relatório de 1961 – Acervo do Centro Histórico e Cultural do Mackenzie.

Esta vista, no entanto, não permite perceber que o edifício foi construído em sucessivas etapas, em consequência da constante escassez de recursos e da realização sempre parcimoniosa de novas instalações.

Figura 9: Vista do Edifício da Faculdade de Arquitetura parcialmente construído.



Fonte: Acervo do Centro Histórico e Cultural do Mackenzie.

As obras prosseguiriam, até sua conclusão, no final dos anos de 1970. Apesar dessas dificuldades e de suas características de contenção e austeridade, o edifício da Faculdade de Arquitetura constitui uma expressão representativa da Arquitetura Moderna Paulistana, particularmente de uma de suas correntes mais ativas, correspondente, sob vários aspectos, à trajetória profissional de seus autores. Ironicamente, sua denominação homenagearia seu fundador, Christiano Stockler das Neves, o contumaz oponente da arquitetura moderna.

Esta contradição revelaria, entretanto, processos mais ricos que então se apresentavam, afastados dos impulsos hegemônicos de determinadas

correntes ou de imperativos individuais, para dar lugar à contribuição de vários agentes, senão de forma coletiva, ao menos como resultado do debate e da negociação, sempre referida a circunstâncias específicas.

VALOR, CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO

Em relação à concepção do edifício e aos possíveis atributos de valor, há vários aspectos a destacar.

Em primeiro lugar, o edifício está situado no Campus do *Mackenzie College*. Suas características de implantação, configuração volumétrica e articulações de acessos só podem ser compreendidas, uma vez considerada sua relação com os demais elementos participantes do conjunto. Desde a sua origem, conforme é possível observar na planta de 1895¹¹, a disposição de seus edifícios tem sido organizada à volta de uma área livre central, o *quadrangle*, conforme a tradição dos *campi* norte-americanos. O volume edificado da faculdade se enquadra perfeitamente nesta diretriz, tendo sido definido nos limites de um dos lados desta área livre. Quanto aos acessos e à circulação, cabe destacar a entrada principal do edifício da Faculdade de Arquitetura que, diversamente do projeto de Christiano Stockler das Neves, foi deslocada do centro do volume, de modo a estabelecer uma relação direta com o vão central de acesso ao Edifício John Th. Mackenzie, obra pioneira do campus. Por fim, chama atenção o acompanhamento da altura do conjunto edificado pré-existente, de modo a dar continuidade ao compromisso de unidade, tão enfático na face lindeira da Rua Maria Antônia, mas também presente nas áreas internas, pelas proporções do Edifício Chamberlain e do conjunto dos prédios da Escola de Engenharia.

O segundo aspecto relevante é a orientação pragmática da organização do edifício, isto é, uma concepção totalmente dirigida a sua eficiência funcional, escolha compatível tanto com os preceitos da arquitetura moderna, como da instituição que o abriga. Aqui, novamente, tais relações e a própria contenção da obra constituem os fatores a direcionar a elaboração do projeto. Não há grandes gestos, não há excesso de dimensões ou devaneios formais. Tudo responde aos limites da economia, do bom desempenho e da adequada organização espacial. Uma obra análoga no próprio campus é o edifício da Escola Americana, cujas características de austeridade poderiam sugerir influência de correntes afeitas a construções práticas e econômicas para os conjuntos universitários (Turner, 1984, p. 163)¹².

Tal rigor não impediu a possibilidade de explorar a expressão de pequenos detalhes, que apuram e fazem vibrar a disciplina das superfícies, como o descolamento dos pilares das fachadas, os requadros recortados nos painéis de elementos vazados e o tratamento contínuo, regular e repetido dos vãos.

Apesar de seu inegável valor, este edifício não foi incluído entre o conjunto de bens tombados do Mackenzie. Não são poucas as situações que escapam à consideração dos órgãos de preservação. Não obstante, isto não significa que não devam ser consideradas a conservação e a preservação dos principais atributos característicos desta obra. Tanto mais, por se tratar de uma edificação destinada à formação de arquitetos. Nessa circunstância, caberia à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo um papel exemplar, em especial em relação ao seu edifício-sede.

Da mesma forma, é novamente oportuno reiterar a condição fundamental desta obra: trata-se de arquitetura moderna. Isto significa um tipo de produção surgida de uma ruptura com a tradição, cuja insígnia era ser a expressão de seu tempo e, portanto, antagônica a qualquer intenção de perenidade. Edifícios que não foram projetados para durar, mas para serem atuais, à primeira vista, não combinam com o propósito de conservação. Assim, a intenção de preservar este tipo de arquitetura poderia estar em choque com sua motivação original.

Porém, não é possível restringir a arquitetura moderna apenas à expressão de sua ideologia, tampouco considerar suficientes os estreitos limites de alguns de seus postulados. No amplo universo de suas manifestações há muita ambiguidade. Sendo obras concebidas para melhor desempenharem determinadas funções, elas também foram projetadas para atender à flexibilidade, para se adaptarem a mudanças. Portanto, para demonstrarem qualidade e bom desempenho, deveriam ser capazes de assimilar transformações. Se o projeto visa a flexibilidade e a capacidade de absorver atualizações ao longo do tempo, o princípio da continuidade adquire relevância.

Este edifício prosseguiu sofrendo alterações e reformas ao longo das últimas décadas, muitas delas indispensáveis às sucessivas transformações nas atividades de ensino, outras de atualização e melhoria de condições de infraestrutura e conforto. Portanto, de modo geral, tais alterações são tão legítimas quanto necessárias, pois fazem parte das contingências da passagem do tempo.

Restaria saber, no entanto, se foram realizadas com critério e, quando necessárias, respeitaram os principais valores e qualidades contidos na estrutura arquitetônica legada do passado.

Uma das obras de reforma foi realizada quando a Faculdade de Arquitetura partilhava o edifício com a Escola de Comunicação e Artes. Sob a administração de sua diretora, Marcia Holland, foi promovida uma série de alterações no edifício. A primeira e mais drástica foi a eliminação dos painéis de elementos vazados, componente fundamental de sua concepção arquitetônica. Na mesma ocasião, foi sobreposto às empenas e sobre as bases das esquadrias o revestimento de tijolos à vista, ocultando o tratamento original. Ao que parece, tal iniciativa visou estabelecer uma relação de conjunto com as demais edificações, mas por mero mimetismo, deixando de perceber o intenso sentido de unidade presente na sua implantação e conformação volumétrica. Esta obra teria ainda se estendido à cobertura do 3º andar, tendo sido acrescentada uma platibanda de altura excessiva, comprometendo as relações de proporção do volume e de sua subdivisão, dada a diferença de dimensões em relação às linhas divisórias dos demais pavimentos. Não há dúvida que o edifício poderia assimilar algumas das alterações propostas, mas, certamente, não da forma como foram realizadas.

Figura 10: Vista externa da face norte.



Foto do autor.

Outras intervenções recentes ocorreram de forma pontual, determinadas por exigências normativas e de segurança. Assim foi a introdução de uma escada de incêndio a partir de estudo elaborado por Lauresto Esher, mas não realizada inteiramente de acordo com sua proposta.

As mudanças mais extensas tiveram início com o projeto de Luiz Benedito de Castro Telles, a partir das solicitações do Diretor Carlos Egídio Alonso, prosseguindo nas administrações de Nádía Somekh e Walter Caldana. Respondiam, inicialmente, a demandas de infraestrutura, com a substituição da rede elétrica e, posteriormente, a climatização de todo o edifício, mas estavam associadas também a mudanças mais ambiciosas, de organização espacial e respectivas adequações ao programa didático pedagógico de períodos mais recentes.

A biblioteca foi deslocada e expandida em suas dimensões. No subsolo, o antigo auditório, que obstruía o acesso a partir da praça central foi remanejado, adquirindo proporção adequada, permitindo ainda um segundo auditório contíguo, menor. A circulação foi recomposta e a ala oposta ganhou a sequência adequada de salas de laboratórios.

As constantes demandas pelo aumento do número de alunos e a consequente ampliação de salas levou à alteração de espaços de uso mais amplo e flexível na concepção do projeto original. Projetadas na primeira versão como espaços abertos para “Exposição de Materiais e Arte Comparada”, no 1º andar e “Desenho Artístico” no 2º andar, resultaram salas estreitas e pouco

adequadas quando transformadas em ateliês. Mas, de algum modo, aqueles espaços subsistiram no pavimento térreo por meio do grande saguão, ora servindo como área para elaboração de trabalhos dos estudantes, ora como auditório.

A recente expansão de ateliês em grandes salões parece reiterar o mito recorrente segundo o qual o aprendizado se beneficia do convívio de uma grande comunidade de aprendizes e mestres. Tais mudanças, no entanto, eliminaram condições de atenção e concentração indispensáveis às aulas expositivas, dissolvendo a configuração espacial dos ateliês em salões indiferenciados, de má qualidade acústica e propícios à dispersão.

Por outro lado, não parece ter sido considerada a intensa transformação dos processos de desenvolvimento de projetos dominados pelos meios digitais e pelas novas relações que vêm se impondo, notadamente pela substituição da prancheta pelo computador, do papel pela visualização na tela, do desenho manual pelo desenho a partir de comandos digitais. E, por fim, o que dizer do deslocamento do convívio comunitário para a esfera dos aplicativos? Quais seriam as formas de organização espacial capazes de atender a estas intensas transformações, no campo da arquitetura, sem a perda dos vínculos desta disciplina com a arte do desenho e do trabalho em equipe?

Figura 11: Vista interna de uma sala de aula com a rede elétrica e de iluminação rebaixadas.



Foto do autor.

A arquitetura do edifício tem suportado de maneira ativa as imposições de atualização. Mas, nem sempre sem perturbação. O sistema de calhas de distribuição da rede elétrica e de iluminação penduradas nas lajes alterou a percepção da amplitude dos pés-direitos dos ambientes dos ateliês, sem, contudo, ampliar a oferta de pontos de energia para computadores. Do mesmo modo, as redes de climatização trouxeram considerável interferência,

não apenas nos espaços internos, mas pela ocupação dos limites do recuo do edifício, para abrigo de máquinas, junto à Rua Itambé.

Quem observa a implantação do conjunto do Campus, percebe uma moldura ajardinada ao longo das ruas Maria Antônia e Itambé, bem conservada em alguns trechos, em outros sofrendo investidas nem sempre cuidadosas. Por fim, o tratamento das áreas externas sofreu o intenso impacto do desconhecimento da trajetória histórica do desenho do Campus e do sentido de seus espaços livres, agravados por sobreposições sucessivas de elementos, seja de dispositivos de acessibilidade, seja em relação às forrações e espécies arbóreas, ou pela escolha de materiais e revestimentos incompatíveis. O alinhamento do eixo de ligação entre os edifícios John Th. Mackenzie e Christiano Stockler das Neves foi interrompido pela implantação de um deck de madeira no centro do percurso.

Apesar disso, esta notável estrutura arquitetônica absorveu a maior parte das mudanças sofridas, demonstrando resistência e versatilidade. Algumas delas, contudo, talvez pudessem ter sido confidas ou mesmo reformuladas, caso a abordagem houvesse considerado mais atentamente o sentido e os valores contidos em sua concepção original.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVIM, Angélica T. B., ABASCAL, Eunice H. S. , ABRUNHOSA, Eduardo C. **Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade**, São Paulo, Editora Mackenzie, 2017

Annual Report of the President of Mackenzie College to the Deliberative Council Resume for the Board of Trustees, 1946.

Annual Report for The Board of Trustees of Mackenzie College, 1946

ATIQUE, Fernando. **Os elos entre a University of Pennsylvania e a arquitetura do Brasil, através da trajetória profissional de George Henry Krug**. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/atique_krug.htm. Acesso em: 27 out. 2024.

Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie. Relatório Apresentado pelo Diretor à Congregação e ao Conselho Deliberativo do Instituto Mackenzie, março de 1952.

FICHER, Sylvia. **Os arquitetos da Poli: ensino e profissão em São Paulo**. São Paulo: FAPESP, Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

Instituto Mackenzie S. Paulo – Brasil, Relatórios de 1947 do Presidente e dos Diretores.

PMSP. PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Processo nº 99.602/1936**.

PMSP. PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Processo nº 40.989/1949**.

PMSP. PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Processo nº 169.299/59 – 11/12/1959**.

Protestant College Supplement to President's Report for 1895.

Instituto Mackenzie S. Paulo – Brasil, Relatórios de 1947 do Presidente e dos Diretores.

Relatório Anual do Instituto Mackenzie correspondente ao Ano de 1950.

Relatório apresentado pelo Reitor da Universidade Mackenzie aos Conselhos Universitário e Deliberativo, referente ao ano de 1956.

Relatório do Reitor da Universidade Mackenzie, 1955.

Relatórios dos Cursos e Departamentos 1958, (Relatório do Presidente).

STOCKLER das NEVES, Christiano, **Carta de 14 de maio de 1956, dirigida ao Dr. Roberto James Shalders, Presidente da Campanha “Um Mackenzie para melhor servir”**, Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, FAUUSP, cópia do acervo Christiano Stockler das Neves.

TURNER, Paul V. **Campus: an American planning tradition**. New York, The Architectural History Foundation/MIT Press, 1984.

NOTAS

¹ Este artigo é uma revisão e ampliação de uma comunicação apresentada pelo autor no 9º SEMINÁRIO DOCOMOMO SÃO PAULO, realizado na cidade de Santos, 26-28 set. 2024, com o título: “EDIFÍCIO CHRISTIANO STOCKLER DAS NEVES – FAU-MACKENZIE” e publicada nos Anais do Seminário.

² Segundo Sylvia Ficher, “Os cursos especiais de engenheiro-arquiteto, civil e industrial, dependentes do curso fundamental, começaram a funcionar de fato no ano letivo de 1896-1897. Daquela data até hoje, o curso de engenheiro civil foi ministrado ininterruptamente. Já o de engenheiro-arquiteto era pouquíssimo procurado: entre 1899 e 1917, formaram-se apenas vinte profissionais, distribuídos em dez turmas.” (FICHER, 2005: FICHER, 2005, p. 46).

³ ATIQUE, Fernando: Os elos entre a University of Pennsylvania e a arquitetura do Brasil, através da trajetória profissional de George Henry Krug. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/atique_krug.htm. Acesso em: 27 out. 2024.

⁴ “The Council also approved the plan of dismembering the architectural course from the School of Engineering and establishing it as a separate college. Steps were taken to that effect and during the coming year this new college should be set up and its equipment greatly improved.” Annual Report for The Board of Trustees of Mackenzie College, 1946.

⁵ “Graças à boa vontade do Sr. Governador Adhemar de Barros, estamos ainda ocupando a residência da Chácara Lane, segundo pedido que lhe formulamos em 1947, e que permitiu alojar maior número de estudantes.” Instituto Mackenzie S. Paulo – Brasil, Relatórios de 1947 do Presidente e dos Diretores, p. 95.

⁶ A Diretoria do Ensino Superior do Ministério da Educação estabeleceu o número máximo de 30 alunos para cada série, portanto um total de 150 alunos, “determinando assim, o estudo do aumento e melhor aparelhamento de nossas instalações”. Instituto Mackenzie S. Paulo – Brasil, Relatórios de 1947 do Presidente e dos Diretores, p. 103.

⁷ “The new building of the College of Architecture (Chamberlain Dormitory) was formally opened at the end of March with the presence of the Minister of Education, Dr. Clemente Mariani. He seemed to enjoy immensely his visit and it was a great pleasure for us to entertain him.” Annual Report of the President of Mackenzie College to the Deliberative Council Resume for the Board of Trustees, p. 33.

⁸ Stockler das Neves, Christiano, carta de 14 de maio de 1956, dirigida ao Dr. Roberto James Shalders, Presidente da Campanha “Um Mackenzie para melhor servir”, cópia do acervo Christiano Stockler das Neves, Biblioteca FAUUSP.

⁹ “Salientamos a retirada do Prof. Christiano S. das Neves, fundador da nossa Faculdade de Arquitetura e que prestou longos anos de serviços ao Mackenzie. Não há dúvida de que, em tempo oportuno, serão prestadas merecidas homenagens. Relatório 1956, p. 9. Christiano Stockler das Neves foi substituído em 9 de novembro de 1956, pelo prof. Americo da Graça Martins.

¹⁰ Christiano Sto PMSP Processo nº 169.299/59 – 11/12/1959, interessado: Instituto Mackenzie Assinado por Peter Baker, presidente do Instituto Mackenzie. Prédio de 20,00 x 51,20 metros, área: 4. 384, 25 m2.

¹¹ Protestant College Supplement to President's Report for 1895, p. 3: “General plan of College grounds, including Chamberlain “chácara” the shaded parts represent the original plan of projected buildings”.

¹² Segundo Turner: “In 1875 the English biologist Thomas Huxley visited Baltimore while on a lecture tour, and surprised his audience by praising the utilitarian buildings of Johns Hopkins and recommending that the school not waste its Money on architects but merely hire “an honest bricklayer” as additional structures were needed. Daniel Coit Gilman, president of Johns Hopkins, had been impressed with the practical laboratories of German universities, and frequently argued that American schools had no need for “splendid architecture.” (Turner, 1984).